

# EXISTENCIALISMO EM FOCO: A EXPERIÊNCIA DE LIBERDADE A PARTIR DA OBRA “O CONCEITO DE ANGÚSTIA”, DO FILÓSOFO SØREN AABYE KIERKEGAARD

Josielio da Silva Oliveira<sup>1</sup>

Antônio Joaquim Pinto<sup>2</sup>

## RESUMO

Kierkegaard apresenta, em sua obra “O Conceito de Angústia”, uma visão de ser humano como possibilidade, em sendo ele mesmo, tornar-se o que de fato é, sem limites ou mediações. Inspira-se principalmente no pensamento socrático. Voltado à uma experiência a partir de sua crença, baseia seus conceitos de sofrimento como uma virtude, tendo como objetivo a fé e a possibilidade existente no homem, como bases fundamentais para auxiliá-lo e conseqüentemente, vencer as provações dessa mesma angústia, dentro de sua experiência profunda e pessoal. Pode o homem libertar-se de seus mitos e estar aberto à possibilidade que seus sentimentos oferecem dentro da experiência pessoal, mesmo estes parecendo tão negativos? Para o autor, conhecendo o homem interior, há a possibilidade de superar as crenças defasadas, pautadas em uma Filosofia Existencial. Toda essa filosofia tem embasamento na relação que o homem cria e no seu interesse, onde permeia e perpassa toda sua vontade. Expõe a Angústia como a possibilidade de liberdade, ainda que tolhida na alma, dando ao mesmo, na experiência do nada, ser capaz de várias coisas, dentro de suas individualidades e decisões. Assim, a Angústia se transforma em uma experiência de busca pela liberdade, alicerçada e comprovada em algo que perpassa o que é visível. Assumindo uma posição que caminha na contramão do que era proposto pelos filósofos idealistas de sua época, onde realidade e concretude se davam na experiência vivencial e concreta do homem, expõe, a partir destas mesmas experiências, a temporalidade do humano em contraposição com a infinitude e a eternidade, o Sagrado, pautada na transcendência oferecida pela concretude da fé, traduzida no cotidiano humano.

Palavras-chave: Instante. Possibilidade. Liberdade.

<sup>1</sup> Aluno do 6º período do curso de Filosofia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: josieliosilvaoliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador da Pesquisa. Coordenador do Curso de Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) e professor na FAE Centro Universitário. Mestre e Doutor em Filosofia. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

## INTRODUÇÃO

Em sua obra “O Conceito de Angústia”, o filósofo Søren Aabye Kierkegaard mostra a ser humano como um ser pleno, capaz de ser o que ele é. Retrata-o de forma que traz um conhecimento interiorizado, a partir de sua própria experiência de fé e como homem. Em suas bases, apresenta o indivíduo como possibilidade. Nesse pensamento, o homem é gerado para a liberdade e só depende dele mesmo descobrir que, a partir dela é que vai ser criada a sua natureza máxima, em sua perfeição. É nessa angústia que o indivíduo se forma e se transforma, e torna-se alma e corpo, sustentadas por algo transcendente, que se dá no espírito. Isso quer dizer que ele existe em todas as suas potencialidades e falhas; em síntese, tudo contribui para a perfeição e está dentro de todo homem.

Fiel à originalidade da fé cristã, Kierkegaard acolhe a positividade da finitude humana, na medida em que, dentro dessa impossibilidade de ir além, oferece a possibilidade de transcender, partindo da estagnação. Seu pensamento dá ao homem a oportunidade de viver, dentro da angústia que paralisava, um salto, ou seja, a partir dela, voltar para si mesmo e se conhecendo, dentro dos seus limites, desafiar-se a ‘escavar’ seu poço e ir mais fundo. A expressão ‘estar no fundo do poço’, em Kierkegaard ganha novo sentido, pois quanto mais fundo o homem mergulha em ‘seu interior’, em suas fraquezas, mais se conhece e em suas fragilidades, encontra sua unicidade, a essência que inata e residente dentro de si, liga-o ao divino.

Na esteira desse pensamento, Kierkegaard afirma que o homem é capaz de construir e modificar várias coisas, inclusive quando estas têm como objetivo o auxílio ao outro, mas torna-se limitado dentro de suas potências humanas<sup>3</sup>. Somente pela fé ou pelo ‘instante’ é que ele pode superar essa limitação e assim adentrar na liberdade proposta pela angústia, para que possa chegar à perfeição. Nessa ótica, o espírito é que mantém o homem para além de si mesmo, pois deixando-se conhecer e desvelar suas falhas, passa a construir-se, dentro de sua experiência pessoal e intransferível. A possibilidade da liberdade, que reside na alma, oferece ao indivíduo a decisão entre: experimentar o nada de si, individuando-se e a capacidade de desenvolver várias possibilidades. Daí tornar-se a angústia concreta, gerada e exercitada em cada ser humano a partir da fé<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Da obra Pós-Escritos às Migalhas Filosóficas, encontrada no parágrafo primeiro do texto da página 84, do ano de 2013.

<sup>4</sup> Da obra Discursos Edificantes, publicada inicialmente em 1843, juntamente com A Alternativa, por Kierkegaard.

## 1 KIERKEGAARD E O HOMEM COMO POSSIBILIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE LIBERDADE ENTRE O INSTANTE E A TEMPORALIDADE EXISTENCIAL

Impulsionado pelo impacto da angústia, Kierkegaard inaugura e aperfeiçoa a verdade profunda da filosofia existencial, a saber: o ser humano “se toma” e torna-se o que de fato é, em sua finitude e dependência de Algo Transcendente, vislumbrando-se finito diante de tudo que o cerca. Para alcançar uma experiência mais profunda de fé, alicerçado na verdade que ela propõe e, não apenas no aceno ao qual ficamos estagnados, primeiro devemos mergulhar em nós mesmos, conhecendo nossos limites e rasidades.

A expressão existencial: o homem é espírito e se o espírito é o eu, logo o homem é o eu, pois este é espírito e vem carregado com todos os vieses e sentimentos que o comportam, inclusive a Angústia. Pauta-se na relação que ele cria, no interesse por onde permeia e perpassa a sua vontade. Desta forma, a angústia é nada mais que a inocência elevada, a possibilidade de uma liberdade, ainda que tolhida em si mesma, na alma do homem que sendo um nada, abre a possibilidade de ser capaz de várias coisas, pressupondo-as. De uma ótica crítica, estabeleceu-se no homem com a consciência do pecado, do bem e do mal. Não há uma lógica que a explique, visto que, ao tornar-se um conceito pré-estabelecido, molda-se a uma forma que não caberia mais nos padrões de liberdade e potencialidades de cada ser humano, de suas individualidades e decisões.

É nestes termos que Kierkegaard explicita que Deus e homem ficaram radicalmente diferentes desde que surgiu o pecado original entre Adão e Eva e, só pela fé, os herdeiros vencem esse paradoxo.

Ao trazer, junto com a verdade, também a “condição” para recepção da verdade, o Deus feito homem liquida o socratismo, pois Sócrates só utilizava a maiêutica por estar convencido de que a verdade estava toda no homem, apenas um pouco esquecida. A entrada em cena desse deus no tempo, na história, provocou o paradoxo, pois a razão não consegue reunir a ideia de um deus eterno com a figura de um servo humilde. Assim, o princípio da identidade fracassa, sobrando a opção do salto da fé, renunciando este ponto à inteligência (KIERKEGAARD, 1995, p.15 e 16).

Adão, como protótipo do pecado para a concepção humana, torna-se a ponte que limita todos os seus descendentes e os afasta da perfeição que o paraíso oferecia. Consequentemente, carrega em si o potencial, mas por sua própria imperfeição e humanidade, não consegue o ápice, a liberdade. Deus então, para equiparar o homem ao seu estado original, assume a condição humana, entra na sua história e nas suas limitações. Inclusive no ‘fazer-se servo’ para elevar a dignidade e restituir a liberdade

perdida do ser humano, elimina toda as outras concepções limítrofes e eleva-os a um ponto onde a fé supre e supera o racionalismo até então existente; nesse instante, a verdade sai do homem e torna-se algo maior, além dele mesmo.

Angústia pode-se comparar com a vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela se firmar. (KIERKEEGARD, 2011, p. 67)

Exemplo prático desse grande desespero da existência, sem causa ou fim aparente, é narrado em Angústia<sup>5</sup>, obra de Graciliano Ramos, em que o personagem reflete a capacidade do ser humano de ficar preso a tudo que a colocá-lo para baixo, não possibilitando que anteveja algo para além. Na narração, apresenta-se, de forma ‘estreita e sufocante’, o sentimento do personagem e o desdobramento de seus desejos, ainda presos ao imediato e ao que a realidade oferece. Assim, preso ao sofrimento, à miséria e a uma autopiedade, torna-se incapaz de colher algo que o faça transcender de si: não se propõe a observar tudo ao seu redor, nem sequer contempla os caminhos que poderia percorrer e tudo que poderia alcançar, vencendo a si mesmo e o desejo de um passado, que não pode ser reconstruído ou modificado. Estagna-se, portanto, em um delírio comparável ao pecado original de Adão, uma vez que o homem se extravia da graça e de si mesmo, deixando emergir e se apresentar a angústia da existência.

[...] Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos e, como caminho devagar, noto que os outros tem demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo, ouvir o Currupaco, ler, escrever. A multidão é hostil e terrível. (RAMOS, 2003, p. 124-125)

A angústia acontece num sentir intensamente estranho e misterioso, no qual o homem já não distingue o que é real e o que é irreal, e apercebe-se preso a um sentimento que paralisa e traz medo. Na fixidez desse momento que o domina, como seu limite máximo, emerge para o homem, segundo Kierkegaard, a possibilidade de transcendência dessa situação-limite, na medida em que sai de sua pele e entranha-se realmente em seu eu mais profundo e desconhecido.

---

<sup>5</sup> Essa obra de Graciliano Ramos, publicada em 1936, traz de forma ‘estreita e sufocante’, o sentimento do personagem e o desdobramento de seus desejos, que ainda presos ao imediato e ao que a realidade oferece. Assim, torna-se incapaz de tirar algo que o faça transcender em si e de si, estagnando-o em um delírio que se compara ao pecado original de Adão, expressa por KIERKEGAARD e que faz com que o homem tenha se perdido da graça e de si mesmo e, a qual damos o nome de angústia.

O corpo limita o homem, mas dentro dele encontra-se o espírito, a essência que o faz ansiar por mais. Por isso, ele busca sempre mirar a liberdade que existe e olha o abismo estabelecido em si mesmo; quando ele descobre que há muito mais em si do que supunha conhecer, o espanto dá lugar à possibilidade e à inocência. Assim, dentro do exercício de admirar o sacrifício apresentado para reconciliar a humanidade com seu estado original, o servo humilde fornece a ponte que ela precisava para alcançar essa plena ação que, já existindo em sua possibilidade, torna-se fato. Nesse ponto da angústia, no ápice de seu grau contemplativo, o homem descobre seus limites e, como consequência disso, dentro de sua individualidade, consegue vislumbrar a perfeição.

Em uma perspectiva meramente lógica, a ideia de algo que transcende o “definido e explicado” não pode ser concebida, por que dentro desse parâmetro pré-definido e enquadrado, o que a ultrapassa, deve ser eliminado. Na perspectiva da angústia, tal caminho não pode ser explicado, mas vivenciado, esbarrando em um limite [lógico e programado], descartado por Kierkegaard em seus escritos. Isso se dá porque em sua forma de observar e experimentar a vida, a realidade lógica consequentemente gera finitude. Dentro de uma ‘regra dogmática’, presa à uma lógica cristã, o homem ainda se molda e se afirma em uma teia de relações com o Transcendente de um modo superficial, pois tendo a capacidade de chegar para além de si, limita-se em formas pré-programadas de confrontar-se e estar diante do Mistério.

A religião, propriamente definida pelo filósofo como algo que tolhe a capacidade do homem, torna-se uma arma nas mãos daqueles que detém o poder de conduzir. Ao invés de guiar e aliviar as cargas impostas pela própria vivência, usam disso para oprimir e manter sob custódia o seu rebanho, levando-o a vivenciar uma existência, uma forma de vida totalmente apagada e voltada à culpa e o castigo, em uma ótica propriamente ofensiva e pesada. Isso afasta o homem propriamente do que procura e pelo qual foi criado para desejar encontrar. Pois, dentro de cada homem há essa centelha que o conduz à busca de algo que faça sentido e explique o que não pode ser explicado por fatos e conceitos concretos. No entanto, por um desejo de que tudo seja resolvido rapidamente, o homem torna-se raso e, com isso, perde-se de sua essência, de seu modo de ser e existir, colocando-se em uma situação limite que o cega e o apavora, e à qual podemos conceituar como angústia.

Kierkegaard destaca que a angústia, como um nada, torna-se sempre um olhar para fora de si, da realidade pessoal. A angústia torna-se, assim, uma suspensão do ego, para dar lugar a uma inocência, algo que toma o homem e que não há como lutar contra. É como acolher um hóspede que não se espera e dialogar com ele, conhecer o motivo da visita indesejada, não o combatendo e desgastando-se pela surpresa, o instante que se oferece como possibilidade de um salto qualitativo e essencial, mas acolhendo-o.

Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo, há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. Sonhando, o espírito projeta a sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela. (KIERKEGAARD, 2020, p. 45)

A tarefa de conhecer-se não é algo fácil, visto que no descobrir-se, tende a se confrontar e se negar, para só então aprender a trabalhar em harmonia com o que de fato é. Interrogando-se, o homem exercita-se na verdade e a obtém por si mesmo e, no instante em que a capta e a descobre, percebe que ela já estava entranhada, mesmo sem o sabê-lo ainda. Isso é a eternidade, algo anterior a ele mesmo e que absorvido, é perceptível em toda a parte e em lugar nenhum<sup>6</sup>, ou seja, faz parte do que ele é sem que ele mesmo conceba isso. Dentro da angústia, isso é que dá sentido ao ‘instante’, à possibilidade de ser plenamente. Quando o homem se percebe incapaz de ser ‘seu mestre’ e, que suas verdades já não respondem todos os seus anseios e questionamentos, compreende-se faltante/falho e se deixa não mais transformar, mas recriar-se, descobrir-se e só no encontro com Algo além de si mesmo é que concretiza esse desejo e busca.

Kierkegaard não traz uma ideia solta e sem nenhuma base para questionar pontos concretos no modo de ser vigente em sua época. Ao contrário, pauta-se em ideias de grandes pensadores de sua época para que sua afirmação seja coerente e gere desconforto. A polêmica causada por suas obras afirma o caráter verídico de tudo que é exposto, pois tirando o homem do conformismo ao qual se instalou e fazendo-o abismar-se diante de si mesmo, rasga, descaradamente diante da sociedade, o que a mesma havia tentado manter supressa, em uma ilusão desprovida de sentido. A liberdade imaginada pelo indivíduo era rasa demais, inconsistente demais para que continuasse a existir. Kierkegaard, assim, obriga o homem a sair de sua caverna<sup>7</sup>, de

---

<sup>6</sup> Parafrazeamos, aqui, texto de “Migalhas Filosóficas ou Um Bocadinho de Filosofia” (2018, p. 31).

<sup>7</sup> Numa analogia ao processo de libertação do ser humano, narrado no Mito da Caverna (PLATÃO, Rep. VII, 514-517<sup>a</sup>), Kierkegaard rompe com a prisão da caverna de sua época, a mundividência fatalista em que o homem jazia, e desvela um mundo que incomoda e desfaz o conforto das sombras. Não quer, porém, experimentar a felicidade sozinho: decide expor uma nova forma de conceber o homem diante de si mesmo e de sua busca por liberdade. Pois, como no Mito da Caverna, o processo de educar-se para a liberdade é vir de fato a existir. E-ducação é o vir para fora (ek-sistir), isto é, despontar na abertura da liberdade da verdade, que é a existência. É essa ação, pela qual o homem transcende o imediatamente dado do dia a dia, do senso-comum social, e se põe no espaço de abertura, de transcendência da liberdade, que tanto Platão como Kierkegaard chamam de Filosofia. Comungando com a proposta de libertação platônica, Kierkegaard compreende que filosofar é transcender-se, dispor-se para o apelo da liberdade, presente no interior do homem, difundindo-se na luz da verdade de sua existência.

seus mitos, para contemplar uma realidade que poderia afetar e fazê-lo experienciar em plenitude, o verdadeiro e essencial sentido da vida; este se pauta em uma liberdade acima dos padrões sociais, mas que nasce de cada ser humano e que o confronta, de modo que se perceba transcendente.

A colocação de pensamento kierkegaardiano que apresenta a possibilidade de o homem, confrontando-se com seus limites, apercebendo-se de sua finitude, chegar à realidade da transcendência, do sagrado, do divino, inspirou muitos pensadores contemporâneos,<sup>8</sup> cujo pensamento não se confunde simplesmente com a metafísica, mas esclarece-se sempre a partir da finitude, revelando sempre os limites do conhecer, de modo que a razão deve buscar pensar a transcendência sempre ligada à finitude da existência, ou seja, a transcendência está intrinsecamente unida à finitude do tempo, na medida em que abre a dimensão do não-tempo ou da eternidade no âmbito do próprio tempo. Esclarece-se, assim, o ser do homem como pura possibilidade de aperceber-se enquanto existência aberta à transcendência, a vida continuamente superando-se em busca de autenticidade da existência. É o modo estranho e misterioso do homem sentir sua vida enquanto uma diferença insuperável entre possibilidade e realização – finitude aberta à transcendência – o vigor angustiante da realidade na existência.

A solidão faz-se presente no pensamento de Kierkegaard, de modo enfático ao tratar da temporalidade em sua conexão com a experiência de fé, aproximada, portanto, ao sagrado e ao transcendente. O que poderia ser interpretado como contraposição revela-se algo “justaposto”, porque não fragmenta o homem entre dois períodos de sua vida, mas o coloca diante de uma realidade palpável, para que assim haja um pleno desabrochar de sua totalidade. Kierkegaard analisa, assim, a centralidade da liberdade humana (em suas condições transcendentais), ao mesmo tempo que retrata a temporalidade da mesma, refletindo temas bíblicos, mas de um modo racional, trazendo para o pensamento, uma reflexão do homem e de seus fundamentos históricos, filosóficos e existenciais.<sup>9</sup>

A perspectiva existencialista-filosófico-cristã inaugura o destino de toda existência humana enquanto indisponibilidade. Assim, longe de responder ou de frear a busca, essa indisponibilidade faz com que o indivíduo mergulhe em uma angústia diante das vicissitudes, que se abrem como leque diante dos olhos abismados e que buscam respostas para além das respostas. Daí ter essa temporalidade a função de eliminar o conforto dos pensamentos e expandir o que está velado. Reynolds, em sua obra *Existencialismo*, explicita o pensamento de Jean Paul-Sartre da seguinte maneira:

---

<sup>8</sup> A título de exemplo, confira o artigo “O Divino como Liberdade Absoluta”, em que se lê no pensamento de Karl Jaspers, um dos teóricos da filosofia da existência, uma reverberação da relação que Kierkegaard desvela entre existência e transcendência (PENZO, 1998, pp. 239-251).

<sup>9</sup> Cfr. Posfácio de Álvaro VALLS, apud KIERKEGAARD, *O Conceito de Angústia*, p.172.

Sartre, assim como Kierkegaard e mesmo Heidegger argumentam que o medo é medo de entes do mundo, enquanto a angústia é angústia perante mim mesmo. Assim, enquanto temos a percepção de que algo exterior pode nos afetar ou conspirar contra nós, a angústia nos coloca diante de uma perspectiva de como podemos responder a uma certa situação. (REYNOLDS, 2014, p. 106)

Isso não pode ser previsto ou avaliado retilmente, e talvez seja a causa desse estado angustial no homem. Sem nada para se apoiar, preso ao instante, o homem precisa antes, buscar em si mesmo a ponte para lançar-se além. Esse modo de proceder não se prende a um fato, a uma realidade, mas a um átimo, que não passa pela consciência, e sim pela forma de ser, quase beirando a plenificação do ser em si. No nada, no “perder-se de si” o homem torna-se capaz de algo e nisso a temporalidade é transposta e se torna transcendente, mesmo que isso se dê em poucos segundos.

O trabalho do ser humano é realizar-se, em sua essência, ou seja, tornar-se autenticamente livre. A liberdade torna-se a busca de transcender em um ato concreto, que ultrapassa o mero passar pela vida, pois a escolha de uma realização pelo indivíduo é sempre uma situação angustante. Mas se apenas passamos pela vida sem angústia, passamos pela vida, não existimos. Pela angústia, dá-se liberdade: o homem livremente decide-se por uma realização privilegiada, que parece abolir as diferenças não somente de espaço e tempo, como sobretudo entre ser e poder ser, pois é o vigor do transcendente da própria vida, existindo nos indivíduos.

Nesse instante intenso, concentra-se tanto a temporalidade que do que o indivíduo é dado concretamente realizar, como a angústia de possibilidades ainda a desempenhar. Daí a angústia gerar no indivíduo criações que desencobrem o seu ser livre, como transparece na força criadora da angústia da fé, um salto no escuro em que a vida é inteiramente subsumida pela dimensão do transcendente, que não anula o homem, antes o manifesta como criação singular, instante que nunca se repete, indivíduo, a aventura única da angústia de sua liberdade.

## **2 O EXERCÍCIO DA LIBERDADE TRANSCENDENTE NO HOMEM**

A grave crise mundial que atravessamos e que nos impôs, por causa de um pequeno vírus, a reclusão de regras sociais de como lidar com uma pandemia, levamos, os seres humanos a nos defrontar e confrontar com pontos e peculiaridades que, mesmo nos sendo profundamente próprias, foram enterradas pela pressa de viver uma existência rasa e pautada no imediatismo que proporcionava apenas uma temporária e



fugaz saciedade. A demolição da gravidade da superficialidade em que nos encontrávamos, resultou no reconhecimento da individualidade e do tema da angústia – próprios da filosofia existencial kierkegaardiana – na nossa atual conjuntura social. Sem a possibilidade de afogar-se em afazeres e desacelerado de sua correria infrutífera, o ser humano recebe a oportunidade de voltar a si, conhecendo-se verdadeiramente e exercitando um sentimento de inutilidade e conseqüentemente, de vazio angústia/existencial, que visto da maneira certa, transcende a si mesmo e o leva a experimentar a liberdade.

A existência angustiada e paradoxal, própria de cada homem, reconecta-se, então à busca originária do transcendente, à elaboração de um sentido para a estranheza de uma situação que desafia e ameaça a existência histórica dos homens. Assim, como ser de busca e possibilidades, o homem vai sendo feito pelos limites e restrições de sua própria individualidade, moldando-se no exercício de tornar-se o que se é, sem mediações, apenas guiado por um senso de plenitude no redemoinho do vigor angustiante da existência. A crise pandêmica fez ressurgir no ser humano um sentimento estranho e misterioso, pois nessa depressão da vida, fez-se necessário reaquecer a grande esperança do coração no transcendente, na dimensão capaz de tudo transfigurar e parecer nos atingir pela primeira vez, ao sentir a presença viva do sentido em meio à explosão silenciosa da angústia da existência.

Impulsionado pelo impacto angustiante da mensagem enviada por um vírus, o homem volta a uma rotina até então perdida ou esquecida devido à pressa do ‘ter’ em decadência do ‘ser’: o homem passa a interiorizar-se, reconhecer-se pequeno e fragilizado e por isso, finito. Descobre-se necessitado e falho em pontos cruciais de sua existência. Para alguns não há mais saída, pois ainda se prendem ao material, o hoje. Outros se descobrem na possibilidade de esperar tempos melhores e no confronto consigo, descobrir algo que ultrapassa suas forças humanas. Como o próprio Kierkegaard afirma, no instante em que o homem se descobre, tem a possibilidade de exercitar-se em um salto para o desconhecido, que o leva a uma abertura para ver o todo de sua existência e que neste instante de descobrimento, a fé em si mesmo pode ser exercitada para uma busca da liberdade, que antes reside dentro que propriamente no externo; é como descobrir que no fugidio há uma ponta de eternidade, que liga o finito ao infinito e sagrado (GONÇALVES, 2016, p.12-13).

Ao exercitar-se na busca, é como se cada indivíduo, encontrando o fundo de seu poço, tivesse instrumentos para escavar e aprofundar ainda mais o conhecimento de si, para dentro de algo totalmente novo e que precisa de suas limitações e fraquezas para que possa vir à luz. À medida que o homem tem consciência de todo seu potencial e mergulha nele inteiramente, deixa-se existir como novo, ou seja, torna-se de fato o que é, qualificando sua existência e essência.

Enquanto racionalizado em uma noção corporal, o ente passa a viver preso a uma espécie de medo, talvez até desconhecida para ele, mas que o atormenta continuamente, causando-lhe uma estagnação angustiada. Quando, porém, conhecendo-se, passa a 'ser', a perceber o eterno que também habita dentro de si, entende-se diferente. Assim, passa de uma separação entre corpo e espírito, para dar lugar a um pleno equilíbrio do que se é realmente, sem a prisão do tempo e do espaço. Vislumbra o mais profundo de sua concepção, além do que imaginava de si como homem. Aqui, o tempo torna-se mero acaso, pois o ser surge como algo para além dele mesmo, e neste instante, a uma percepção do que é a verdadeira liberdade. Enquanto um ainda é o ditador das razões humanas, que a tudo oferece uma prática concreta e palpável, a liberdade do ser oferece uma razão que vai além das razões conhecidas e toca a eternidade existencial. Dentro de seu propósito e de sua busca por algo transcendente, que é inato e constitui toda sua essência, o homem se constrói.

Todo homem nasce com um potencial para ser além do que supõe chegar. Fixando suas capacidades em um racionalismo exagerado, na busca de encontrar explicações plausíveis para todo o seu existir, exercita a condição que o pecado original, oferecido a ele, comporta. Essa carga pesa e limita, recrudescendo e minimizando o mesmo a algo finito, que existe, mas não tem possibilidade de ser para além. Essa angústia mata o espírito livre, antes mesmo que ele encontre a própria finitude, pois não oferece a possibilidade, mas um fardo existencial. O pensamento do autor surge de forma a confrontar, por verdades de fé e por vivência, esse fardo imposto, oferecendo ao homem uma busca por sua origem, que ultrapassa o limite vivencial comum, já tão bem conhecido, para dar lugar a uma intensa jornada de entranhamento em si mesmo.

Na esfera da liberdade histórica, a passagem não é um estado. Contudo, para bem entendê-lo, não se deve esquecer que o novo surge com o salto. Se isso não fica bem estabelecido, a passagem adquire uma preponderância qualitativa sobre a elasticidade do salto. (KIERKEGAARD, 2011, p. 92)

De um modo mais aprofundado, trabalhando o aspecto dessa liberdade, inata em cada ser humano, o filósofo traz uma maneira de se observar a angústia de uma forma positiva e que fornece benefícios reais para a vida. Explica em sua obra que, ao observarmos o comportamento das crianças, poderemos entender melhor que para elas, esse sentimento existe como uma busca de algo aventuroso, monstruoso e enigmático. Esta angústia é tão essencial a elas que não se pode privá-las disso e nem mesmo elas querem se ver privadas, pois com essa sensação, são cativadas por uma doce ansiedade e que as levam a sonhar coisas do espírito, sem que ao menos possa se dar conta disso; não se prendem à angústia, mas a usa como ponte para algo maior, dentro de sua inocência.

Kierkegaard coloca o homem diante da inocência como força motriz para o salto de qualidade que ele deve exercitar, com intuito de chegar a um novo olhar sobre si e sobre seu papel no mundo. Essa inocência, que perdeu seu sentido real na pressa da modernidade, é o retorno a si mesmo. A angústia, como ponto de diferença entre o homem e o animal irracional, pois sugere uma “naturalidade do espírito, é uma realidade da liberdade, dada a ele, como possibilidade antes da possibilidade, ou por assim dizer, a possibilidade para a possibilidade” (KIERKEGAARD, 2020, p. 45).

Dentro de cada ser existem duas forças que se iniciam com a mesma letra: a Fraqueza e a Fortaleza. Isso serve para mostrar que o potencial para se alcançar a liberdade através do instante ou deixar-se ficar preso a ele, parte de um mesmo princípio, que é a força interior existente em tudo que ‘se é’, ou seja, em tudo que foi concebido para o transcendente. Isso não supõe um foco no espiritual, pois assim sendo, esse destituiria o homem da liberdade, pois possuindo o espírito, deixaria a existência oca, tornando-se uma caricatura idealizada de um ser e conseqüentemente, a paralisação de todo seu potencial humano. A perfeição está justamente em conciliar o espírito e corpo, de modo que sejam um e não coisas completamente diversas, colidindo e gerando caos entre si. Ao compreender o sentido e a necessidade de ambos e pacificando-as, de modo que caminhem conjuntamente, o homem pode enfim dizer que descobriu sua verdadeira potencialidade.

[...] – Se o deus se prestasse a nascer num albergue, deixasse se envolver de trapos, e dormisse numa manjedoura, seria isto uma contradição maior do que a novidade do dia de se cueiro do eterno, e mesmo, como um caso presente, sua figura real de sorte que o instante seja realmente a decisão da eternidade! (KIERKEGAARD, 1995, p. 87)

O pecado, visto como condição de limitação do homem, é a causa maior de sua angústia. O sofrimento que perturba e desconstrói a potencialidade deste, fazendo-o prender-se a um Deus que castiga e que por seu querer e autoridade, pode nos levar a ficar preso em nossos infernos existenciais, visto que esta é a nossa condição natural; Adão nos oferece esta herança. Quebrando os paradigmas desta condição, Kierkegaard apresenta um Deus preocupado com a nossa história e que, querendo nos aproximar de nossa origem, torna-se um como nós, em nossa pobreza, miséria e limitações. É justamente o despojamento, a pobreza de um Ser supremo que a sua visão oferece e, nos faz entender que não podendo construir nossa trajetória, pelo impedimento que a herança de Adão nos forneceu, é construída uma nova, para que tudo fosse refeito, para que o homem fosse restaurado à sua condição original, que é o bem e alcançasse o paraíso. Tudo isso por superação, tendo um olhar ‘para além’ e por meio de uma decisão pessoal e intransferível.

Santo Agostinho, em suas Confissões<sup>10</sup>, dentro de sua experiência na fé e na vida, concretamente diz que os homens nem sempre são capazes de fazer um salto de qualidade que os leve a ir além de si, em direção ao infinito. Isso se dá por um comodismo exagerado a qual impôs à sua existência, tornando-a fadada a uma simplicidade rasa, que não se deixa chegar à beira do abismo de si mesmo e lançar-se nele. Adaptam-se a uma satisfação que não é real e se julgam bem com isso, mas não se percebem reféns de um medo que atrofia e leva a uma morte ainda em vida, tornando finito tudo aquilo que foi feito com a essência do infinito; a morte adquire o sentido de fim e não mais o que os gregos tinham presente, como *Tanatos*, uma parte libertadora e sensível na existência humana. Talvez aqui, a angústia possa vir reconfigurada nesse *Tanatos* que espera uma olhada mais atenta do homem sobre a finitude e conseqüentemente, sobre si mesmo.

O olhar para si, tão presente na obra de Agostinho, coloca diante desse processo claramente a visão que Kierkegaard tem para ‘salto’: na busca de se descobrir e depois no abismar-se, percebendo-se finito, o filósofo revoga tudo que imaginava conhecer por pensamentos meramente racionais e em um ato de extrema busca pelo transcendente, coloca como um grito profundo de sua tibieza, o verso em que se percebe imerso na solidão que gera liberdade, ao escrever o que trazia de experiência do conhecer a si mesmo. Esse contato, só pode ser gerado por quem mergulha em si, para conhecer/ter/apresentar com O divino: “Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei [...]. Eis que habitáveis dentro de mim e eu lá fora a procurar-vos [...]. Eu Vos saboreei, e agora tenho fome e sede de Vós. Vós me tocastes e ardi no desejo da Vossa paz” (AGOSTINHO, 1988, p. 243).

Esse ato, que é a plena libertação de si, impregnado no pensamento agostiniano e que reflete também a filosofia existencial de Kierkegaard, é o exercício da liberdade defendido e definido como ponte para a verdade pessoal e intransferível de cada homem. Isso só pode acontecer por vontade e esforço pessoal e maduro, no instante da decisão de arriscar tudo para vislumbrar o tudo, que se desvela, mesmo quando parece se esconder. Na angústia não há nada que se apoie, nada que se apegue; não há sujeito que possa transferir a responsabilidade, mas é algo de si mesmo, que vai afunilando e conduzindo a um propósito maior.

---

<sup>10</sup> Santo agostinho, profundo conhecedor de si, mesmo que tardiamente, traz em seus escritos essa busca constante de vencer-se a si mesmo, dentro de uma experiência pautada na fé. Seus escritos vão, paulatinamente, mostrando a transcendência, o salto que ele faz, em busca da liberdade que se conquista pela fé e o conhecimento em si mesmo, dado pelo Sagrado. Essa referência está contida em sua obra Confissões 10, Capítulo 23, 27-29, na página 33.

## CONCLUSÃO

Em seu conceito de angústia, tendo o homem a possibilidade de exercitar-se em ir além de si mesmo, Kierkegaard oferece uma nova forma de transcender ao espírito. Mesmo com a carga hereditária que o homem carrega desde sua origem, o filósofo traz em sua experiência pessoal, a chance de encontrar em uma situação tão contraditória como a angústia, o salto para alcançar a liberdade perdida com o pecado. Percebendo-se na possibilidade e no exercício de superar a si mesmo, na aceitação e na entrega de si em seus limites, diante de Deus. O que difere o pensamento de Kierkegaard de outros pensadores existencialistas é justamente a ideia alicerçada em uma fé cristã, que enxerga nessa forma, o ponto onde o homem se trabalha e se conhece, sendo fermento necessário para a alma.

Foi visto que no Salto, na angústia, e somente por eles, o sofrimento é considerado uma virtude e auxílio para vencer as provações. Conhecendo seu interior, o homem consegue tocar sua essência original, descobrindo-se como ser e não mais como um ente, Kierkegaard se aprofunda, referindo-se ao homem como definidor de si mesmo e uma verdade para si. Com o complemento da fé, torna-se um ‘para além’, ou seja, caminha e alcança o que está além da experiência imediata e compreende o sentido da vida, em outra possibilidade de ser. Mesmo sendo um risco, deixa aberta a liberdade e a imprevisibilidade, tarefas essenciais para a construção do ser humano. O que define o pensamento desse filósofo é a transcendência e a possibilidade.

O pensamento kierkegaardiano em relação à liberdade e a transcendência do homem, através da angústia, pode ser comparado a duas energias que o mesmo carrega dentro de si: a fraqueza e a fortaleza, como já mencionado anteriormente. Dentro delas, foi visto que o ponto de partida para que essas forças tomem conta da essência do ser é a mesma (no exemplo referido, fortaleza e fraqueza tem como pontos de partida a letra ‘F’), mesmo uma sendo o oposto da outra. Com isso, o que se conclui é que, dentro da possibilidade de ficar na estagnação e conseqüentemente, no peso que o pecado oferece à angústia ou transcendê-la, caberá somente a cada indivíduo decidir e agir. Não há impedimento quando toda a possibilidade de o transformar em algo positivo e possível, está dentro de cada um como uma força que o move e o faz partir de um princípio com destino a um fim concreto.

A experiência humana de liberdade não acontece sem angústia, pois o grande desafio para o ser humano reside em viver a vida de maneira criativa, existir, construir uma existência, ou seja, acolher a vida enquanto o livre referir-se da angústia com o indivíduo. No embate de liberdade e angústia no processo histórico do indivíduo, o homem evolui e se abre, com tudo o que é e tem para a luz da fé. Criando e sendo

criado pelo exercício da fé, o homem encontra no conhecimento da vida, de si mesmo, o desconhecido da existência, celebrando o transcendente da história a história do transcendente, que lhe vem ao encontro, dele se aproxima como o destino de toda existência humana. Kierkegaard mostra que o homem, em sendo na dinâmica existencial da fé, vai além de toda criação, invenção da vida idealizada eticamente. Assim, dentro dos limites que o homem é e não é, enquanto originária conjunção de liberdade e angústia, dá-se a existência do indivíduo singular que, sendo o corpo da finitude, afirma e sente, na dinâmica viva da fé, a infinitude do Transcendente como o mais vasto, profundo e originário sentido da vida.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 9. ed. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ALMEIDA, Jorge Miranda. Kierkegaard: Pensador da Existência. **Existência e Arte**: Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del Rei, v. 3, n. 3, p. 45-78, jan./dez. 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- FELLOW, Senior; SPEKTOR, Matias; GONÇALVES, Simone Gomes. **O absurdo, a revolta e a vida**: sobre a questão se a vida vale a pena ser vivida ou não em O Mito de Sísifo e O Homem Revoltado, de Albert Camus. 2016. 198f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Paraíba, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. São Paulo: Nova Cultura, 1998.
- HOLANDA DE OLIVEIRA, André Luiz. Soren Kierkegaard: por uma filosofia da existência. [Søren Kierkegaard: in favor of an existence philosophy]. **Ágora Filosófica**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 169-194, jan./jun. 2015.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Tradução: Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PENZO, Giorgio. **Deus na filosofia do século XX**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, Brasil, 1998.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- REBLIN, Iuri Andréas. Søren Aabye Kierkegaard: um dinamarquês pro-vocante. **Protestantismo em Revista**, São Paulo, v. 11, n. 8, p. 34-56, set./dez. 2006.
- REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis: Vozes, 2014. (Série Pensamento Moderno); 3. reimp.: 2019.
- SANTOS, Pedro Carlos Ferreira. A atualidade do conceito de angústia de Kierkegaard. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 9, n. 2, p. 202-214, ago./dez. 2011.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um Humanismo**. [L'Existentialisme est un Humanisme]. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

REBLIN, Iuri Andréas. Søren Aabye Kierkegaard: um dinamarquês pro-vocante. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 11, p. 65-78, set./dez. 2006.

REICHMANN, Ernani. **Diário de Kierkegaard 1834 – A**. Curitiba: Edição impressa por A. de Souza e L. C. Marcos, 1955.

REICHMANN, Ernani. **Textos Selecionados de Soeren Kierkegaard**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 1978.